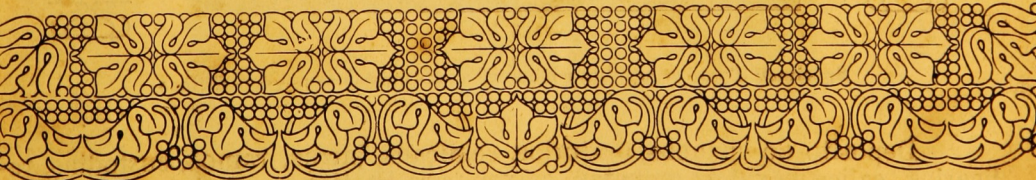


Barcellos, um dos arcos da ponte sobre o Cavado



PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

ADMINISTRADOR E EDITOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

*Portugal e colonias* — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

*Extranjeiro* — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis



# Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



**Põem**  
o nosso  
catálogo  
ilustrado  
com 143  
gravuras,  
que se  
enviam  
gratis.

— **PORTO** —

Rua do Bomjardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 59 a 63 —



**Aos ossos**  
trabalhos  
foram  
concedi do  
os mais  
altos pre-  
mios nas  
**Exposi-  
ções In-  
dustriaes**  
**Portugue-  
zas de 1887**  
e 1897.

— **GUARDA** —

Representante  
depositorio  
CASA SUCENA  
Rua Heliodoro Salgado



Specimen d'uma escultura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodias, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas con-  
generes no estrangeiro, e a que mais Igrejas fornece no Cont-  
inente, Ilhas, Brazil etc . . .**





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. — Director, Dr. F. de Sousa Gomes Vellosos

EDITOR E ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Polroto.

Braga, 1 de abril de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 144—Anno III



**Consolatrix Afflictorum**

(Quadro de Leopoldo Battistini)





## Terceira pagina

*União sagrada!* bradou-se por ahí a cada canto, logo apoz a declaração de guerra. *União sagrada!* disseram logo os do poder, escreveram os jornalistas, gritaram os oradores.

No campo monarchico ouviu-se um rumor de espanto: *união sagrada? Mas...*

E só no campo catholico essas palavras tiveram um echo sincero e perduravel, afinal.

Dahi a poucos dias, jornaes republicanos como a *Capital*, já não repeliam o estribilho, trocado pelo antigo e estafado; *defendamos a republica*. Os monarchicos mantinham a conjunção adversativa. Só os catholicos persistiam no primitivo clamor: *união sagrada!*

Transcorrem mais umas noites. A carta do Senhor D. Manuel de Bragança destroe a adversativa realista, mas provoca nos partidarios mordazes criticas, offensivas até da intelligencia do rei no exilio. Em todo o caso essas criticas são surdas. Os republicanos iniciam a *união* apprehendendo os summarios das bullas e expulsando os párocos das suas residencias, rufando de novo na pelle dos tambores contra os monarchicos *traidores* e os catholicos *anti-patriotas*. Os defensores da Igreja continuam porém, bradando: *união sagrada!* e fugindo logo a theoria, como se fallasse em que seriam convidados para um governo nacional, dizem immediatamente as condições necessarias para ella sêr perfeita.

E a situação, até á hora a que escrevo, ainda não se alterou em qualquer campo. Apesar das notas acalmatorias do ministerio da guerra, a ideia da mobilisação corre alarmando. Um amigo contou-me que na linha do Douro, no dia seguinte ao da retirada do ministro d'Allemanha, o povo das aldeias assomava ás estações perguntando se a *guerra sempre vinha*. Chegam aos quartéis ordens do ministerio da guerra mandando preparar alojamentos para o activo de 1912 a 1915 e um jornal que o noticia, accrescenta que foram prêsos na fronteira mancebos aldeões fugitivos ás mochillas, e publica versos de Gil Vicente e de não sei quem mais fallando na patria em tom de quem supõe que a patria está além dos Pyreneus. Nos electricos, todas as manhãs encontro inglezes sadios, de 20, 30 e 40 annos rindo e fallando. Um passageiro amigo pergunta-me ao ouvido:—*olha lá estes typos não vão? Ficam a jogar o foot-ball?* Mostro-lhe uma chronica de Guedes d'Oliveira e um artigo da *Opinião*, dizendo que tal não pode acontecer. O *Dia*, chegado essa manhã transcreve o *Times* que argumenta cabulando que se entramos na guerra, não foi a instancias da Inglaterra. A nota britannica lida pelo sr. dr. Augusto Soares ao parlamen-

to prova o contrario. *Jogo de porta!* commenta o passageiro. Os inglezes sadios continuam a rir. Que dirão elles, na sua lingua áspera?...

De tarde, quando toda a cidade se acotovella nos passeios, a pergunta voa de bocca em bocca:—*tambem vaes?* N'um grupo onde entro, um bacharel em sciencias lê em voz alta no *Matin* o relato espantoso da carnificina de Verdun. E um official do exercito explica: *que admira, meninos, que admira! se um srapnell's apanha em cheio uma companhia, não fica por junto um homem vivo!* Eu tenho a impressão de que o alarme, embora surdo, sob ameaça, deflagra. Os commerciantes lastimam-se. E já pelas igrejas ha mães e esposas a pedir ao Senhor que lhes poupe os filhos e os maridos.

N'essa noite fui convidado para uma reunião da Junta Patriotica do Norte. Quando entrei na sala da Camara onde ella functiona, o presidente da Junta passeava, o da Relação cavaqueava, um medico distincto que é tambem um velho e scintillante conversador, *fazia espirito com um litterato, chronista do Diario de Noticias*. Ao íundo um busto da Republica muito adereçado de symbolos, por detraz a cadeira da presidencia. Um rapaz muito rapado vem sollicito até mim, lápis azul na mão:—*V. ex.<sup>a</sup> é?*... Indico o nome e a representação que trago. A sala enche-se. O presidente falla muito, empregando muitas vezes estas palavras:—*é preciso...* E d'ahi a pouco diz que é preciso dinheiro. Um lente de medicina propõe escolas de enfermagem. O presidente responde que a Junta pensava n'isso, e não havendo nada mais a tractar dá um *viva á Patria Portuguesa*. Cá fóra a chuva fustiga inclemente. A meu lado alguém, debaixo do guarda chuva, rosna: *se soubésse que era só pra isto, não vinha?* O céos! que gelado patriotismo! Trazia dentro de mim uma conturbação tão negra como a caligem da noite de inverno. Suppuzera que n'aquelles portuguezes que fumavam, alli na sessão da Junta, o frescor d'alma e o exaspero de bater-se, fosse enorme... Vim desiludido!... Silvella chamou á Hespanha de antes de Cuba, uma raça sem pulso. E a chuva fustigava inclemente n'aquella noite...

Na rua do Loureiro, dentro d'um tascó, um ébrio lançava arrieiradas contra o Bispo, que trabalhou pela Patria na Africa e na India, como poucos.

Entro n'um café e logo alguém vem inquirir:—*que fará a Hespanha?...* *Intervirá?* *Dizem que sim... pela Allemanha!* *Olha que espiga!* Encolho os hombros e tomo um café, passando os olhos pelas paginas do *Heraldo*. Nada de novo, em França. Quanto a Portugal, diz um correspondente de Lisboa que o paiz lusita-



no não esboça sequer um signal de bellicosidade.

—A guerra será impopular? pergunta elle.

Que pergunta! o paiz está cansado, apenas. Vae pura onde o empurrârem. A nota britannica mostrou que agora só poderemos viver, vencendo os aliados. E' a voz da necessidade que nos força ao gesto decisivo. Mas a necessidade não basta para crear enthusiasmos. E' preciso, como dizia o presidente da Junta, é preciso que a alma da raça se commova, se excite e se alevente em sobressalto. E' preciso que o inimigo esteja perto e o mal que elle causa seja directamente antevisto. De outro modo o portuguez hesita e gasta o seu dia a lamentar-se.

—A guerra será impopular? perguntava o *Heraldo*...

F. V.

## VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

### O meu cão



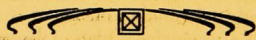
meu velho cão é um animalão montanhez de pello corredio, olhar meigo, firme de lealdade e de carinho—uma cabeça classica de *estudio*, no corpanzil forte e pelludo, d'um molosso romano.

Nasceu na serra e provém d'uma velha raça portugueza de cães de gado, notaveis pela bravura e preferidos pela lealdade. Não tem, na sua genealogia montanheza, a enxertia fidalga dos cães da Escossia ou a aristocratica finura das matilhas puras do Duque de York. No brazão da sua raça, se afinal a sua montanheza e plebêa progenitura, tem brazão, deve esquarterar-se em campo d'oiro a lealdade, que é seu melhor titulo e sua melhor qualidade tambem. No entanto é orgulhoso de si, envaidecido da sua belleza e da sua força e não é, sem soberba altivez, que á borda do vallado, distendendo o dorso sobre a terra, poisa a cabeça sobre as patas e olha o caminho, sereno e dominador. E ai de quem se atreva, a forçar aquelle reducto que elle guarda, que então, essa mansa e morna serenidade, como saccudida, por uma electrica convulsão converte-se na mais aguerrida attitude, porque o meu cão é terrivel no cumprimento do seu dever fiel de guardador. Se o chamo, vem artoiro, bamboleando a cauda, a bocca franzida n'um sorriso, porque embora pareça excesso de phantasia, nos cães, afinal como nos homens é signal de contentamento, o arrepelar da bocca, o fremir selvagem dos dentes e senta-se ao meu lado, o corpo apoiado nas patas trazeiras, erguido o dorso, cabeça erguida, o olhar muito firme, a querer vazar-me, a querer entender-me. E então, enrodilha-se-me aos pés e alli fica, quieto, man-

sa, inteiramente sujeito á minha vontade, mas attento ao menor ruido, disposto para a primeira ameaça, vigilante do primeiro perigo. Acompanha-me sempre e nunca vae ao meu lado; quando subo ao monte ou espaiçoo por estes outeiros, a melancholia vaga do meu isolamento, elle lá vae saltando, caracoleando alegre, saltando, de frente ou de lado, mas de longe a vigiar attento como a querer profeger-me, como a certificar-se de que o caminho está livre para vir até mim alegre latindo como a dizer-me; podes seguir.

N'estas longas noites d'inverno, quando a chuva canta nas vidraças e o vento sopra rijo lá fóra, se me sento á lareira a lêr, o mais das vezes a pensar, a tecer as mil phantasias que a solidão nos suggere, a construir os nossos castellos de fumo, que logo se esboroam e dilluem, a sonhar no futuro, ou a remechar no passado, vendo longe as sombras d'uma recordação, a pequenina illusão d'uma hora deliciosa e fugidia, os momentos alegres que vivemos, a desfiar o rosario enternecido das recordações e das saudades, já está o meu cão, ora enrodilhado aos meus pés, ora erguendo-se, festeiro, batendo-me com a pata nos joelhos, como a querer arrancar-me áquella meditação, a pedir-me que o attenda e então, affagando-o, olhando-o, vejo aquelles olhos meigos, olhos humidos, carinhosos, bons, fitarem-se meigamente nos meus olhos, n'uma submissão, n'uma ternura que encantam, como a afirmar-me que comprehende, sente, aquella triste e amarga melancholia. E prodigalisa-se em carinhos, em bobices, em saltos, que me desviam a attenção, que me atirem para fóra d'aquelle silencio, que elle julga e—nos seus olhos m'o diz,—me fazem soffrer.

Porque esse forte e carinhoso animal, é bem mais intelligente, mais dedicado, mais amigo, do que muitos homens a quem nós por desprezo, chamamos algumas vezes... cães.



## Um cynico



QUANDO cheguei, dilacerado d'alma, doente de nostalgia, ao pé d'aquelle homem, glacial e duro, chovia muito, o vento ulullava nas escarpas da mais funebre região de Traz-os-Montes, parecendo-me que as proprias rochas saturadas de chuva de neve, liritavam e gemiam lastimas nas fendas e nos musgos encharcados.

Eu cavalgara durante duas horas um pobre rocinante cheio de philosophia e miseria, vadeando com elle torrentes e pantanos, e durante a hedionda jornada soffrera com elle mil golpes e quedas, chicotadas de graniso e traicões de inesperados lenteiros.



E isto tão longe do lar, cruciado, faminto de flores, de sorrisos, de castos beijos, tão fragido e abandonado havia dias, que nem poderia entrar n'uma ermida a procurar Deus, a Virgem, o culto suavissimo que parece approximar-nos, de golpe, n'um extasis, n'um paio enorme, do Senhor que está em toda a parte, e tanto que, procurando-O dentro do nosso pobre coração, até lá O encontramos, cheio de misericordia e graça, ineffavelmente.

Batera, transido de frio, ao portão verde. Enquanto esperava, sentia tremer o cavallo, en-sopado e faminto, e eu tremia com elle, invadido pelo gelo até á medulla, como que até á alma, cheia de visões de agonia e pasmus.

Quando abriam, quando o cavallito teve agasalho e sustento, o meu tremor intimo mudou-se em calma, na salutar paciencia que chega a ser tónico, riqueza do sangue, reacção e alimento, e, comtudo, eu estava agora mordido no cerebro e no coração por uma pergunta verrumante, implacavel como uma ponta de fogo. Como me receberia aquelle homem?

O velho jacobino recebeu-me no escriptorio, e offereceu-me logo o fogão e algum vinho generoso. Aceitei o lume e regeitei o delicioso toxico. O homem sorriu, poz de lado o livro— as *Nervoses* de Rollinat— e começou, fumando solememente:

— Esperava-o hontem... Escreveu-me o Salles. Que vinha cá para coisas. Já sei. Tambem me julga um grande influenté politico e um homem rico,

— Senhor, eu não venho...

Mas o velho continuava, acorrentado á sua ideia fixa:

— Sou, como para ahi dizem, um jacobino. Mas não como nada ao Estado. Crivado de dividas, ainda não pude vencer o meu chefe politico da urgencia d'uma subscrição nacional a meu favor.

Gargalhou n'isto estridentemente e proseguiu, sem mais pausa, com a voz insolente e metallica, n'uma vibração progressiva, hostil:

— Já vê. O Salles disse-me que um grande favor tinha a pedir-me. Afinal, não valho um regedor. Pois tenho-me fartado de espicaçar o fanatismo. Viu aquellas egrejitas do valle da Pomba? Fechei-as eu. Mas não pedi que me confiassem os paramentos. Palavra d'honra. Isto que vê— as proprias achas do fogão— pertence aos meus credores. Tenho bastantes livros, e que eu mais amo na vida depois do vinho e do tabaco. Vá vendo...

Apontava para as estantes.

— Tenho alli Baudelaire, Espronceda e Byron. Tambem tenho os grandes homens do Seculo XVIII. Se os credores m os levassem— e podiam fazê-lo— malavam-me como a um cão ao qual se dão tres favas em vez d'uma.

E tornou a rir, estridente e desmanchado, irritante na sua velhice totpe em que a alvura das cãs não deixava deveras uma nota de pureza, o menor tom de auctoridade ou de melancolica poesia do passado.

Mas então decidi-me. Comecei, pausado e firme, disposto a não admittir mais golpes de palavras estereis.

— Não venho pedir-lhe, senhor, nada como politico. Tambem lealmente o previno de que sou catholico, o que não pude dizer-lhe logo, porque me não deixou expor ao que venho.

O senhor tem uma filha. Não sei porque, abandonou-a. Ella trabalhou, emquanto pôde...

— Uma beatã disse o velho com rancor, n'um sorriso negro e pungente.

— Pois bem! ella está sem trabalho e sem saúde. Almas caridosas a livraram da fome, mas a caridade d'ellas não pode ir alem do pouco que tem feito, porque essa boa gente é pobre...

— Já sei. E' preciso dinheiro. Batem a boa porta, como lhe disse ha pouco!...

— Não venho pedir-lhe dinheiro, senhor; venho pedir que seja pai para a sua filha, que lhe dê um quarto, bom ar e o pão indispensavel, n'esta casa que habita.

— Então essa idiota está muito doente?

— Tuberculosa talvez.

— E julga que eu?...

— Que o senhor vai já recolhê-la, repartir com ella muito ou pouco do que tem, ser pai, um philantropo, se não acredita na caridade...

— Ah! ah! ah! voltou o velho, sinistro de sarcasmo, desfechando a maior das gargalhadas, roxo de tanto se congestionar com o riso.

— Mas o senhor ri? Pois faz pena aquella quasi creança, loura, transparente, a fustir, curvada como uma velha, de sorriso amargo, e os olhos tão fristes, que nem já o brilho das lagrimas lhe podem dar luz...

— Acabou?

— Sim, espero a sua resposta que ha-de ser digna dos seus principios de fraternidade...

— É de bom senso— acrescentou o velho, cofiando o bigode d'um amarello emporcalhado.

E, levantando-se, deu a resposta formal, secca, detonante, irrevogavel, n'um monosylabo vulgar que teve a ressonância d'um desabamento:

— Não!

— Não! Mas porque, senhor?

— Não.

E calou-se, com expressão sarcastica.

Mas depressa tornou;

— Meu caro senhor, chove torrencialmente e precisa de descação. Vou mandar-lhe preparar uma ceia que desculpará. Lá lhe vai ter ao quarto. O quarto tem fogão. Boas noites. Quanto á rapariga, é irrevogavel o que disse. Mas, amanhã, quando partir, darei o soccorro que me é possivel.

\*



# FACTOS

No dia seguinte, dia calmo, providencialmente bello, perguntei pelo velho, Sahira. Deixara-me uma carta.

Abri-a. Ao alto: *socorro a minha filha*. E depois, um bom conselho vale dinheiro. Emfim com letra nitida e espaçada: *Deixa as beatices que sô fazem tuberculosos e, se soffres da tuberculose, não vás envenenar o ambiente de ninguem, toma, por exemplo, acido prussico. Livras-te d'um grande martyrio e não infectas quem precisa de trabalhar.*

E mais nada. Entretanto, ella, vergada e ivida, fussia lá ao longe, espavorida por não



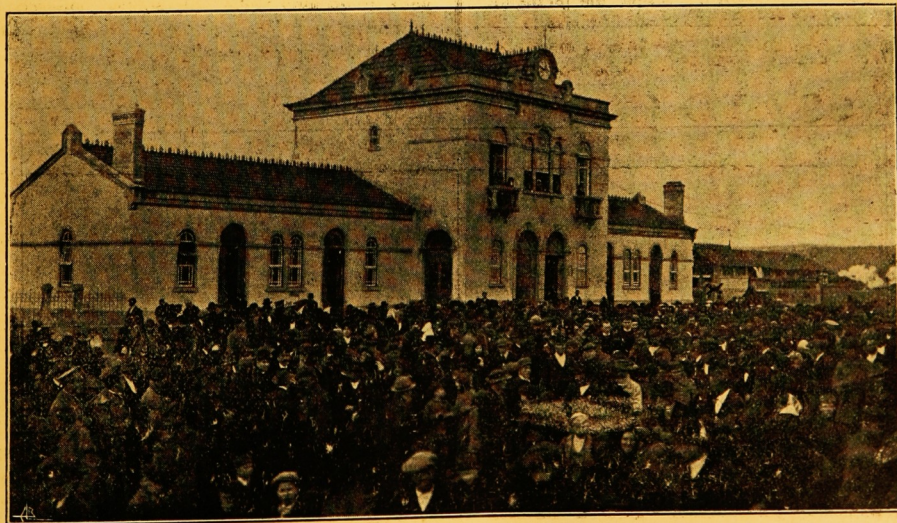
*Chegada do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Bispo, D. José, Leite de Faria*



*Um aspecto do cortejo*

saber onde poderia ir agonisar sem o sacrificio dos pobres como ella, já que tinha um pai tão impio, tão descrente de Deus, que nem para a propria filha entendia a caridade.

VICTOR PEDRAL.



*Outro aspecto do cortejo. (S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> está indicado por uma †)*

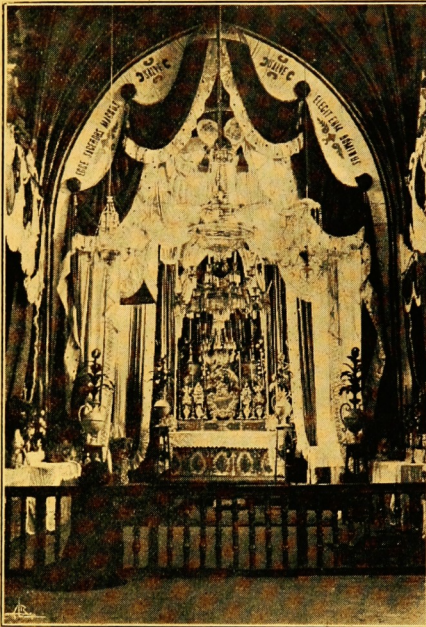


# O Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Bragança e Miranda



Já fez a sua entrada pastoral na Sé brigantina o Ex.<sup>mo</sup> Snr. D. José Lopes Leite de Faria, a quem a Santa Sé decorou com o título e confiou o munus de Bispo da importante e vasta diocese.

Viuva durante annos, transmudou em galas

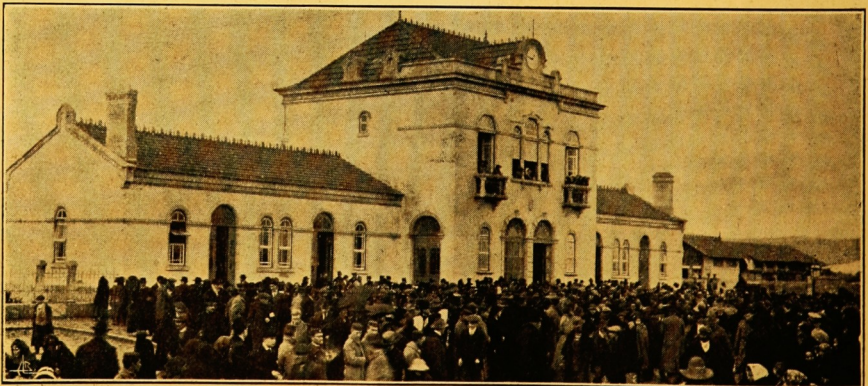


Interior da Sé de Bragança por occasião da recepção do Ex.<sup>mo</sup> Senhor Bispo

os crepes para receber entre demonstrações de regosijo e amor o novo Esposo dado a essa Igreja illustre.

Foi carinhosissima a recepção, não só por o sentimento catholico floresce em primores de filial amabilidade para com os seus pastores, como tambem porque o Ex.<sup>mo</sup> Snr. D. José foi precedido pelas vozes da fama que mereceram os seus dotes de espirito, liberalmente concedidos pela divina Graça e aperfeiçoados por um estudo acurado e incessante que o tornou distincto na grammatica, na theologia moral e na patristica, disciplinas em que sobre todas avulta a sua pasmosa erudição.

Bragança, que tem um clero illustrado e zeoso, recebeu, pois, com vivo jubilo o seu illustre Prelado. A direcção dos caminhos de ferro da região teve o bom criterio de deixar franca a entrada nas estações á passagem do comboio episcopal, e a affluencia do povø fiel a todas as paragens da linha representou para o novo bispo feliz augurio do que havia de ser a recepção na sua Sé, onde se juntou em grande numero o rebanho mystico do novo Pastor que certamente contará entre os dias mais felizes da sua vida o da entrada solemne na Episcopal Igreja de Bragança onde Deus o conserve por muitos annos, e faça feliz.



O povo esperando Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>





Exposição  
Battistini  
no salão da  
Santa Casa  
da Misericórdia  
do Porto



- 1 — *Mater Dolorosa* (quadro a pastel)
- 2 — *Pensamento* (quadro a pastel)
- 3 — *Quadro a pastel*
- 4 — *Outro quadro interessante*
- 5 — *Refugium Peccatorum*





# NA HERDADE

(Regional)

I

Tangem *Ave-Marias*. No poente,  
Onde ha vulcões phantásticos, monstruosos  
Vão desaparecendo, lentamente,

Do sol os lindos raios luminosos,  
Despedindo-se — oh, dôr! das cumeadas,  
Com uns beijos ternissimos, saudosos.

Ventalias uivantes, tresloucadas  
Fustigam sem clemencia, o arvoredo,  
Onde existiram aves abrigadas

Encantaram alegres, muito cêdo,  
Aos assomos dos raios auroraes,  
Um hymno encantador, formoso e ledo:

Onde, amando, cantaram, triumphaes,  
Estrophes de harmonia incomparavel,  
Bellas como o luar, sentimentaes,

De doçura ambrosiaca, ineffavel,  
Bem como a limpidez de meigo othar,  
—Arco-iris deslumbrante e adoravel.

II

Chuva torrencial de enregelar.  
Um diluvio. Se assim vae, tẽ parece  
Que a terra se transforma toda em mar,

III

Emquanto, ao longe, o sol desaparece.  
E se acastellam, sempre, mais bulcões  
Por uma fórma tal, como se houvesse

Um gigante a dispõ-los: e os fufões,  
Em impetos figninos, vão roncando,  
Pelas fôrvas e plumbeas amplidões:

Emquanto a chuva cãe, engorgitando,  
Como nunca, a ribeira caudalosa,  
Que o sopé da montanha vae banhando:

Do monte, na lareira, ampla, espaçosa,  
Se consome e desfaz, em claridade  
Consoladora, intensa, esplendorosa,

Um sóbro que affrontara a Tempestade.  
Annos e annos e ainda esta affrontara,  
Embora carcomido pela idade,

Se mão cruel a vida respeitara  
D'esse roble soberbo e poderoso.  
Que o sol milhões de vezes osculara...

IV

Em volta d'esse tronco esplendoroso,  
Que enche a casa de luz e de alegria,  
Um rancho de donzellas, buliçosos.

E gentil, como a linda pradaria,  
Ri e canta sem laivos de pesar,  
Como o brilho do sol, ao meio dia.

Canta alegre — que lindo seu trovar! —  
Em sua singeleza, é tam mavioso...  
E' um encanto ouvi-lo: faz lembrar

Tudo o que he de mais simples e amoroso.  
Outras vezes, o rancho extasiado,  
Põe-se a ouvir, em silencio religioso,

A lenda de algum principe encantado  
Por moira toda linda e graciosa  
De quem elle se houvera enamorado.

A moça, em narração desprezenciosa,  
De uma ingenuidade e singeleza  
Que lembra o volitar de mariposa:

N'uma voz de crystal e, com surpresa,  
A's outras vae contando o que apprendera,  
Em terdes de bom sol, lá na deveza,

Da pequenina aldeia, onde nascera  
A uma santa velhinha que sabia  
Contos sem fim... mas ai! que já morrera.

V

Qu'então, n'um sorrir todo alegria,  
Cada uma d'essas rusticas donzellas  
Que estão a pé mal canta e colovia,

A' hora em que se apagam as estrellas  
—Olhos de ouro, que lindas ellas são,  
Fascinam e seduzem só de vê-las,

Tam amigador é o seu clarão —  
Está deitando folhas de oliveira,  
Com estranha e singella devoção

No vivido brazido da fogueira,  
Para saber se é firme, se é constante  
E se, acaso, é sincera e verdadeira

A affeição de quem é d'alli distante.

FRANCISCO SEQUEIRA.



## Missão dos Dembos em Angola

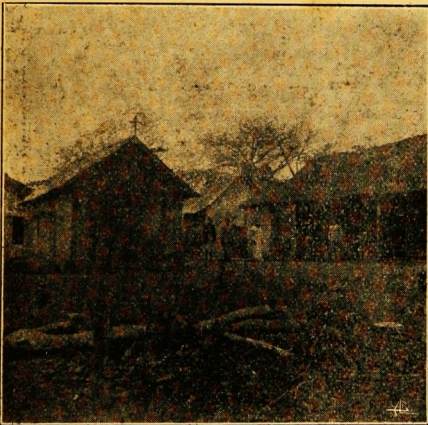
Damos hoje a reprodução d'algumas photographias da nova missão dos Dembos, pertencente ao Bispado e provincia de Angola.

Os Dembos são uma região interessante d'aquella provincia ultramarina portugueza que se estende desde o rio Zenza até Encoge e desde as terras do Dande e Ambris até ao Ungo. As terras são na maior parte montanhosas e ricas. A população é muito interessante, se bem que cada vez menos numerosa devido á doença do somno.

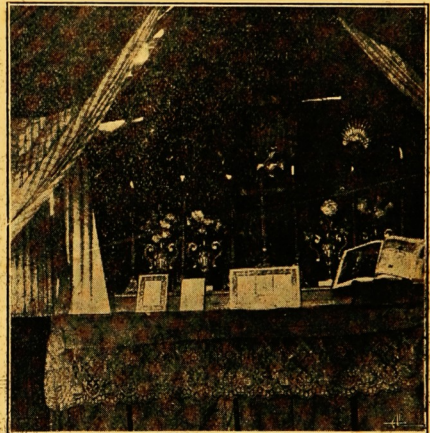
Há muito que a fundação desta missão se



*D.<sup>o</sup> Magalhães na banza do soba Cambela, com a familia d'este*



*Capella e residencia*

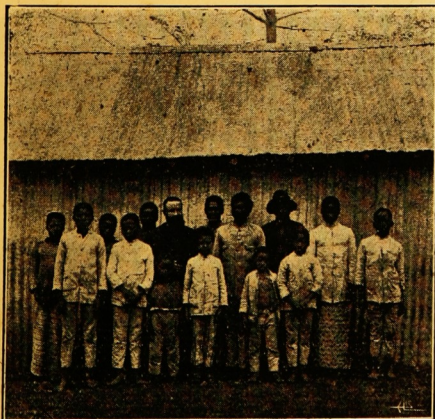


*Interior da capella da missão*

ulgava de verdadeira necessidade. Frustraram-se várias tentativas, mas em Maio de 1913 estabelecia corajosamente o novo posto um dedicado missionário nosso vizinho, natural da linda villa de Ponte do Lima, o Padre Antonio Miranda Magalhães.

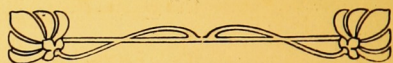
Estabeleceu a missão nas terras do Zambualluquem e alli se tem conservado com a maior dedicação e sacrificio da sua saúde, o que tem sido apreciado pelas autoridades superiores, que lhe dedicam a maior estima.

Tem já prestado bons serviços e tem inspirado aos povos bastante confiança.



*D.<sup>o</sup> Magalhães, superior da missão, com um grupo de educandos*





1—Um trecho do rio Lombinge.

2—Nas cachoeiras do rio Zenza. O Padre Magalhães e o conductor Octavio Machado.

3—O Soba de Camatela com os seus macotas.

4—Uma campa gentilica na estrada de Cabunza a Camatela.

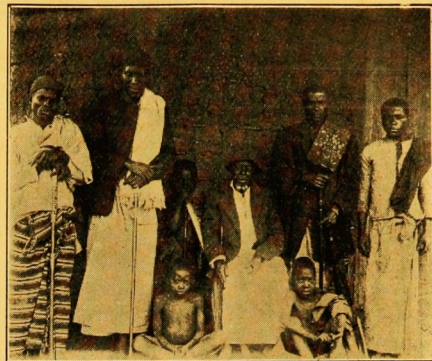
5—Rapido do rio Zenza.







Outro trecho do rio Lombinge



O soba de Camabella com os sobas subordinados



## Americo de Faria Barbosa

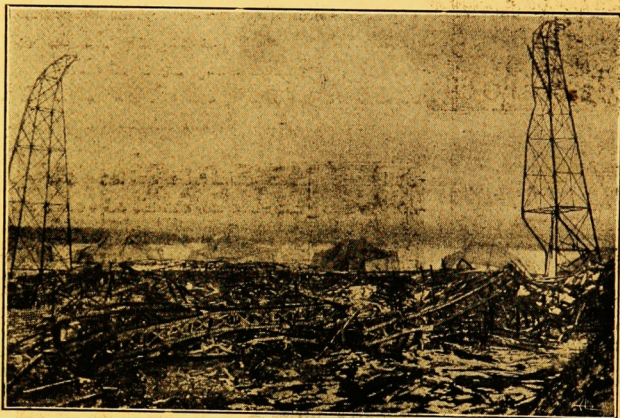
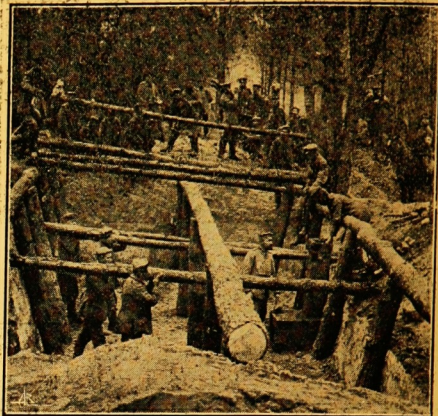
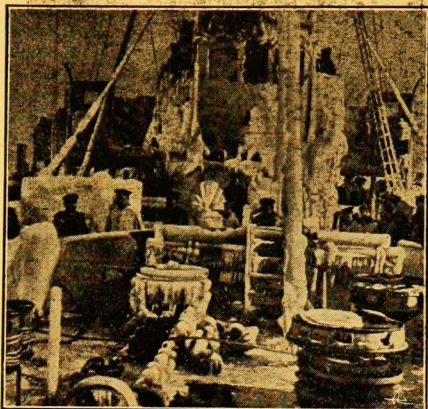
(Fallecido a 16 de Março de 1916)

Colhido na flor da idade e tão cêdo roubado aos carinhos da esposa que o idolatrava e dos filhinhos que elle tanto estremezia, deixa profundas saudades em todos os que o conheciam e tanto apreciavam as bellas qualidades do seu coração.





# ○ Páginas da Guerra Europeia ○



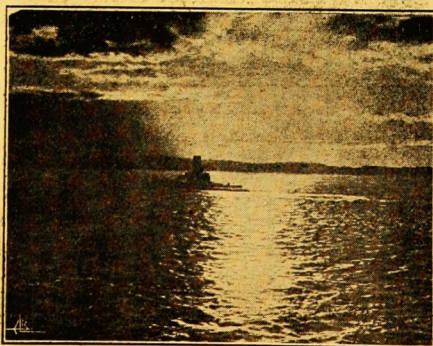
1—Na tolda d'un navio allemão  
Reunindo neve e gelo.

2—Na Frente Occidental. Os  
allemães escavando uma blockhaus  
de emboscada n'uma aurcola d'un  
bosque.

3—Na Russia. Restos d'un han-  
gar russo, perto de Lida.

4—Um submarino allemão par-  
tindo para o cruzeiro.

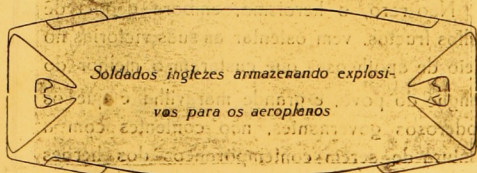
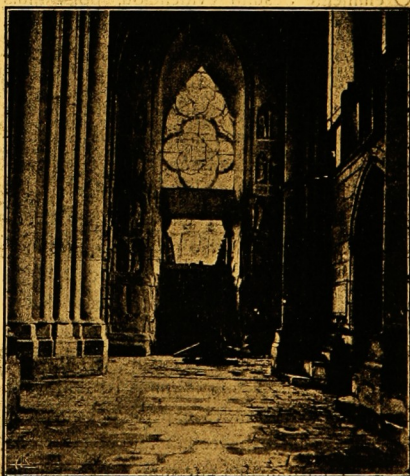
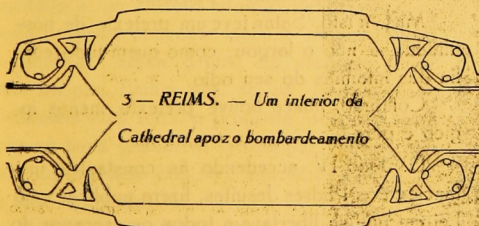
5—A guerra nos Alpes. Ma-  
queiros do exercito austriaco levando  
um seu camarada ferido para a am-  
bulancia.







1. — 'Bocas abertas!...' Voz de commando sempre necessaria quando os canhões disparam por causa da forte vibração do ar.
2. — O general Petain, heroico defensor da praça de Verdun, acompanhado pelo general Joffre, e o presidente Poincaré no dia da visita d'estes áquella praça.





# Padre Antonio Vieira



eminente Jesuita opinou, emfim, dentro da maior imparcialidade, dizendo que, a seu ver, os pleiteantes só é que se podiam julgar a si mesmos, cedendo cada um d'elles um pouco das suas pretensões.

Applaudiram-no logo, confiando-lhe a missão de ouvir os pleiteantes. Vieira foi, com o novo Vigario, a cadeia onde penava o antigo, e fallou a ambos com tão eloquente bom-senso, que o constituiram logo alli seu arbitro infallivel. Resultou, emfim, que se dividisse o governo ecclesiastico em dois vicariatos — o do Pará, que pertenceu ao antigo Vigario por ter casa n'aquella cidade e o do Maranhão, que pertenceu ao novo Vigario.

Mas, se esta conciliação foi habil e efficaz, nem por isso Vieira deixou de attender n'ella aos melhores interesses administrativos da Egreja do Brazil, porque era tão excessivamente vasta aquella diocese, que ha muito os Senhores Capitulares da Bahia pensavam na necessidade de ser dividida em dois Vicariatos.

O eminente Jesuita evidenciou, pois, mais uma vez a positiva e fecunda visão da realidade em todos os lances da vida religiosa e politica.

E, conseguindo mais este triumpho, Vieira tornou a absorver-se nos mais activos e ponderados preparativos da Missão.

Agora, era instruir os Missionarios na lingua dos indios e na evidencia dos muitos perigos que todos iam correr e para os quaes indicava remedios preciosos. Tudo dispoz e organisou com abnegação e zelo, não pedindo sacrificios ás classes abastadas, bastando elle a si proprio de maneira que facilmente o julgariam opulento dos recursos que mais lhe faltavam.

Costumam os grandes expedicionarios, e á sombra d'elles famosos estadistas como Dombal, exigir contribuições que mais parecem calamidades do que auxilios.

Não raro, o heroismo, embora depois de bellos fructos, vem ostentar as suas victorias no meio de apothoses que custaram o melhor do sangue do povo, e grande maravilha é que os poderosos governantes, não contentes com a ventura de serem contemporaneos dos heroes que glorificam o seu paiz, não encontrem no

entusiasmo das gentes a ingenuidade que as leva a locupletarem em penosos sacrificios, os astutos ministros que... ficam em casa a fazer proclamações e decretos.

Antonio Vieira, porque não tratava de si, mas de Deus e da Patria, procedeu bem diversamente. O seu unico empenho era o sacrificio fecundo, mas o d'elle proprio e dos seus companheiros virtuosos, e, para isso, não se esqueceu de valorisar toda a sua grande alma em conselhos sólidos e praticos, na organização complexa de tudo dentro do mais puro e intenso amor de Deus.

Sem fraqueza, mas tambem sem arrogancia, aquelle espirito eleito foi: disciplina, unção e guia, provendo a tudo, pensando mais nas necessidades dos que o acompanhavam do que nas suas proprias, afervorando o zelo e rétemperando a fé, mostrando o lado positivo de empreza tão abrolhosa, ao mesmo tempo que indicava as legitimas fontes de recursos sem danno da mediania financeira dos povos.

Tanto desinteresse e raro senso pratico grangearam á Missão as melhores sympathias. O nome do Padre Vieira ganhou nova e justiceira fama, estimulando-se assim benemeritamente outros apostolos e patriotas.

Mas, n'isto, Satan teve um pretexto de hostilidade e não o largou, como quem tudo confia das infamias do seu odio.

Comtudo, nunca houve pretexto menos logico e puro.

D. João IV, accedendo ás constantes instancias dos Padres Jesuitas, fizera publicar uma Lei em que se libertavam todos os escravos do Maranhão. Nada mais bello e digno de Christo. Assim já respondiam, ha seculos, os calumniados Jesuitas aos pobres miseraveis que os tem alcunhado de inimigos da liberdade.

O espirito infernal converteu tão adoravel obra da Egreja — a emancipação dos indios — em crime cavilloso e abominavel. Correu com torpe insistencia que a Companhia conseguira tal lei apenas para augmentar as suas aldeias, usurpando os escravos aos seus legittimos donos.

Acreditou na calumnia o povo versatil e ignorante. As sympathias justiceiras e vivas que cercavam a Missão converteram-se em ranco e furia.

Os tumultos romperam. O Governador depresso recebeu uma reclamação energica, redi-



gida juntamente com uma proposta para ser assignada pelo Clero e pela nobreza.

Vieira foi logo de opinião que a Companhia a devia assignar, mas salvando nitidamente o que attentasse contra o verdadeiro direito.

Mas, para isso, escreveu primeiro uma replica, notavel de eloquencia e justiça, e que foi entregue ao mais velho dos vereadores.

O povo, porém, não applaudiu o documento e antes, ao cahir a noite, cercou tumultuosamente o Collegio da Companhia, vociferando contra os Padres, ameaçando de os lançarem ao mar dentro de pequenos barcos, á mercê das tempestades e de todas as privações. Bastantes soldados reforçavam o motim, tão proceloso, que o Governador sahio com as companhias do presidio a suffoca-lo, de armas carregadas.

E só então o velho vereador pôde entrar no Collegio, e pedir aos Padres que transigissem, quanto possível, para socego de todos.

A resposta de Vieira foi nobre e franca. Tinham os Jesuitas vindo para alli só no serviço de Deus e d'aquelles povos. Não podiam alterar nada das razões que ponderadamente tinham escripto e enviado, pois muito as tinham sujeitado a um sincero espirito de conciliação. Seria covardia conceder mais, e só se tinham pronúnciado assim dentro da verdade e do amor da paz. Emfim que, se os Jesuitas concordassem com toda a proposta do povo, embora só para ganharem sympathias, seriam dignos da expulsão não só d'aquelle estado como de todo o mundo.

E, concluindo, lembrou que, já para se evitarem conflictos, recusara em Lisboa o Padre Manuel de Lima o officio de Pae dos Christãos, e elle Vieira a administração e repartição dos indios, pois que a vinda dos Missionarios obedecia apenas á salvação de indigenas e colonos portuguezes, proposito que era monstruoso remunerar com tantos odios.

O Vereador sahio do Collegio convencido de que os Padres tinham completa razão, e assim foi para o Senado, concordando logo todos os vereadores no evidente e revoltante desatino das massas populares. O Senado deu todas as satisfações á Companhia, e logo lhe imitaram o digno exemplo os principaes da cidade, ainda ha pouco tão desorientados como o povo.

Longe de nos tornar a pôr em parallelo Pombal e Vieira a proposito da verdadeira di-

plomacia, ou seja o que, dentro da visão clara dos factos e das circumstancias, honra sempre a dignidade e a sinceridade.

Mas, n'este lance, acode irresistivelmente o confronto.

Quando é que Pombal arcou, com tanta abnegação e austero caracter, contra os seus adversarios? Quando viu tão profunda e nobremente o deveres da sua consciencia? Quando, pondo acima da sua pessoa os sagrados interesses d'um ideal, teve tanta clarividencia, justiça e coragem?

\*

Comtudo, os tumultos acalmaram-se apenas á superficie. As pessoas mais gradas estavam do lado da Companhia, mas Satan não desarmava, soprando principalmente sinistras calumnias.

Como o Padre Francisco Velloso, no dia da Purificação de Nossa Senhora, sahio a cathecisar os indios, logo os miseraveis inimigos propalaram que elle fôra revoltar os cathecumens contra os seus senhores.

Inventou-se depois que os Jesuitas arrebanhavam escravos dos outros para remadores de canoas suas; que um escravo do Provedor do concelho fugira ao amo, escondendo-se no Collegio da Companhia; emfim, que os Padres tratavam de si, e não do proximo, como o queriam significar nas obras da Missão.

Quiz Deus, porém, que todas as calumnias recebessem completo e incontestavel desmentido. Outros caluniados, padecendo de inferioridade moral e mental, preparariam vinganças, espectaculosas rehabilitações, represalias do odio contra o odio. Vieira e os seus louvaram a Deus por mais aquella dolorosa provação, vingando-se apenas em acrysolar ainda mais o amor a Deus e aos seus implacaveis inimigos.

Entretanto, a Missão começava os seus trabalhos maiores. Vieira, tendo de ficar ainda, com muita magua sua, no Maranhão, como Superior que era dos missionarios, distribuia os seus heroicos soldados.



(Continua)

JOSÉ AGOSTINHO.



# Anecdotas historicas

## Ditos e pensamentos

### Consolação

**S**OLON, querendo consolar um amigo que uma grande calamidade lançara na dôr mais pungente, levou-o ao alto d'uma torre d'onde se descobria toda a cidade de Athenas, e disse-lhe:

— Considera quantos prantos, lutos, desgraças e trabalhos estiveram já e actualmente estão debaixo d'estes telhados, sem que passe um dia que a morte ou a dôr não tenham logar.

### Pedir às estatuas

Diogenes foi visto muitas vezes de mão estendida às estatuas, e a quem o olhava, rindo respondia:

Para me acostumar á falta de piedade nos homens peço ás estatuas.

### Diogenes e o cantor

Diogenes, encontrando-se com um mau cantor de quem todos fugiam quando cantava, disse-lhe:

— *Salve, gallo!*

O cantor deveu-o e de sobrecenho carregado e perguntou porque lhe chamava gallo.

— Porque quando cantas todos se levantam.

### O vencedor é vencido

Um dia que Demosthenes atravessava uma praça de Athenas, cortou-lhe o caminho um seu inimigo a injuria-lo com as palavras mais immundas. Demosthenes disse apenas para o circulo de curiosos que se fizera em volta d'elle:

— Batalha é esta, senhores, em que se ficou vencido, vencerei; e se vencer ficarei vencido.

### Apelles e Alexandre

Alexandre Magno visitou Apelles, admirando algumas obras primas do grande pintor e falando sobre pintura sem que mostrasse saber da arte.

— Senhor, disse-lhe Apelles, enquanto estiveste calado todos te veneravamos por varão grande; porém, agora que te meteste a falar em arte tão alheia da tua profissão, até se riem os rapazes que moem as tintas.

### Tratar como rei

O rei Doro, vencido por Alexandre Magno, pediu a este que o tratasse como rei.

— Farei isso, não por amor de ti, mas por amor de mim.

### Apelles

Expoz Apelles á porta uma pintura sua, e poz-se detraz do panno a escutar os votos e censuras varias dos que passavam. Veio um sapateiro e notou um defeito na chinella d'uma figura principal. Emendou Apelles a falta; e no seguinte dia tornou a passar aquelle official, e vendo a emenda, ficou satisfeito de si, e atreveu-se a notar outra coisa na perna da mesma figura. Então Apelles, apparecendo-lhe disse:

— Não suba o sapateiro além da chinella.

### Senhoria

Havendo o bispo de Coimbra, D. João Mendes de Tavora de chegar a certa terra, e hospedar-se em casa d'um fidalgo, a quem ali commumente davam senhoria, enviou este a dizer-lhe antecipadamente, que se servisse de lhe dar o mesmo tratamento; por quanto no seu exemplo contrario padeceria elle detrimento. Respondeu o bispo ao mensageiro:

— Assim como negar senhoria a quem a tem de juro é injuria, assim o da-la a quem a não tem é injuriar os outros.

Tornou segundo recado:

— Que se lhe não dêsse senhoria, tambem elle lha não daria.

Respondeu o bispo:

— Diga, que eu irei; e que havendo algum de nós fazer a parvoíce, melhor será que a faça elle do que eu.

### O inimigo de Diogenes

Um verrinoso e vadio abocanhava Diogenes das maiores injurias sempre que se falava do philosopho. Diogenes disse-lhe um dia:

— Amigo, nem a mim me darão credito dizendo bem de ti, nem a ti dizendo mal de mim.

• • •

Qual é o homem que não quer voltar ainda uma vez aos primeiros annos?—Byron.

TITO FLAVIO.

ANNO III